

Sócrates Africano: a potência filosófica da obra de Carolina Maria de Jesus

African Socrates: the philosophical power of the work of Carolina Maria de Jesus

Francisco José da Silva

<https://orcid.org/0000-0001-5342-2280> – E-mail: franz.silva@ufca.edu.br

RESUMO

O presente artigo pretende explorar a potência filosófica na obra da escritora negra Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Ela é mais conhecida pela obra *Quarto de Despejo, diário de uma favelada* (1960), nossa abordagem, no entanto, concentra-se especificamente em seu conto “*Sócrates Africano*”, no qual ela trata da vivência com seu avô Benedito e a relação entre sua sabedoria e a do filósofo grego Sócrates (séc.V a.C). Sua reflexão parte da tentativa de entender a razão pela qual seu avô era comparado a Sócrates e denominado “*Sócrates Africano*”. Nesse sentido, pretendemos ampliar a ideia de um Sócrates Africano e as origens de uma das matrizes filosóficas africanas, a tradição Yorubá, dialogando com o pensamento da filósofa nigeriana Sophie Oluwole (1935-2018) e sua aproximação entre Sócrates e Orunmilá, como mote para pensar as potencialidades filosóficas da obra de Carolina e os traços de uma filosofia afro-brasileira.

Palavras-chave: Filosofia. Sócrates. Africano.

ABSTRACT

This article intends to explore the philosophical potency in the work of the black writer Carolina Maria de Jesus (1914-1977). She is best known for her work *Quarto de Despejo, diary of a favelada* (1960), our approach, however, focuses specifically on her short story “*Socrates Africano*”, in which she deals with her experience with her grandfather Benedito and the relationship between her wisdom and that of the Greek philosopher Sócrates (5th century BC). Her reflection starts from the attempt to understand the reason why her grandfather was compared to Socrates and called “*African Socrates*”. In this sense, we intend to expand the idea of an African

Socrates and the origins of one of the African philosophical matrices, the Yoruba tradition, dialoguing with the thought of the Nigerian philosopher Sophie Oluwole (1935-2018) and her approximation between Socrates and Orunmilá, as a motto to think about the philosophical potentialities of Carolina's work and the traits of an Afro-Brazilian philosophy.

Keywords: Philosophy. Socrates. African.

Introdução

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) é considerada uma das mais importantes escritoras negras do Brasil no século XX, cuja obra tornou-se referência para a literatura negra e afro-brasileira. Sua obra mais destacada é *Quarto de Despejo, diário de uma favelada* (1960)¹, na qual é possível encontrar não apenas um registro do cotidiano da favela do Canindé na zona norte da metrópole de São Paulo, mas uma percuciente análise social numa perspectiva da classe subalterna que podemos considerar um marco no âmbito literário brasileiro por apresentar a visão da periferia em relação à metrópole.

Nesse sentido, consideramos importante frisar um debate recente nas reflexões sobre a especificidade do fazer filosófico na Filosofia Brasileira a respeito do chamado "literato-filósofo", uma categoria proposta pelo pensador mineiro Paulo Margutti em sua obra *História da Filosofia no Brasil: período colonial* (2013), temática também discutida e explorada por José Raimundo Maia Neto (2007) e Daniel Benevides Soares (2021). Essa categoria se inscreve na forma própria de nosso filosofar brasileiro, que parte de nossa formação colonial (Ibérica) se apresenta um tanto avesso ao modo tratadístico e sistemático, privilegiando a intuição e o conteúdo em relação à forma (SOARES, 2021, p. 100), dialogando assim com outros modos de fazer filosofia que estão presentes na tradição, tais como: o poema (Parmênides), a carta (Epicuro), o aforismo (Nietzsche), o ensaio (Bacon), o conto (Voltaire) e o romance (Rousseau). Assim, do mesmo modo como recentemente se tem refletido a filosofia brasileira a partir de seus literatos (Machado de Assis, Clarice Lispector, Guimarães Rosa) se apresenta a escolha da temática e a proposta de abordagem deste artigo².

Uma leitura filosófica da obra de Carolina poderia considerar, em primeiro lugar, os aspectos críticos e sociais destacados na perspectiva da autora em *Quarto de Despejo*, sua obra mais conhecida e capaz de dialogar com uma visão realista da sociedade, abordando temas como a desigualdade social, a fome, a perspectiva de uma moradora da favela, que por si só já seriam recortes profundos da realidade brasileira da segunda metade do século passado, ampliando a crítica social uma vez que considera tais questões sob um prisma distinto das análises dos intelectuais burgueses e da academia, distantes do meio periférico.

Nossa abordagem segue um caminho distinto desta expectativa de leitura, traçando uma outra possibilidade ao buscar refletir um texto mais curto (um conto), cujo alcance filosófico nos parece mais instigante e interessante, na medida em que traz um possível caminho para o diálogo entre o saber filosófico ocidental (tradicional), personificado no filósofo Sócrates

¹ *Quarto de Despejo* teve um alcance inusitado, sendo traduzido para mais de 37 idiomas.

² Seguimos assim a sugestão metodológica de abordagem dos literatos-filósofos proposta por Soares (2021, p. 100): "Finalmente, para concluir essa seção, vamos apresentar brevemente uma forma metodológica de trabalhar os literatos-filósofos. Trata-se do recurso ao paralelo. É possível cotejar um literato-filósofo com algum tema já desenvolvido em um autor da tradição, de modo a fazer sobressair não apenas identidades, mas, sobretudo, as diferenças e as soluções originais encontradas no literato-filósofo".

(c. 469-399 a.C.)³, e as matrizes do pensamento filosófico africano (ancestral), na figura do avô de Carolina. Esse diálogo intercultural partirá do conto *Sócrates Africano* (JESUS, 1976)⁴, no qual Carolina nos narra aspectos da vida de seu avô que marcaram sua existência e nos revelam suas concepções de educação e sabedoria.

O Brasil dos primeiros decênios do século XX era ainda um país rural, recém-saído do processo inacabado da Abolição da escravidão (1888), sem haver garantido as mínimas condições de existência e dignidade de sua população negra que ainda sofria com os efeitos de cerca de trezentos anos de dominação e exploração. Neste interim, nem mesmo a Proclamação da República (1889) havia consolidado os direitos básicos para a maioria de sua população, permanecendo as velhas oligarquias como os donos do poder que se revezavam no governo. O episódio da morte de Benedito, o avô de Carolina (narrado no conto que iremos refletir), se dá por volta de 1937, no início do chamado Estado Novo, ápice de um processo social e político de desenvolvimento do Brasil republicano, onde se desenvolve o discurso do racismo científico e da “democracia racial”, como enfatiza Silvio Almeida:

Já no século XX, na esteira do Estado Novo, o discurso socioantropológico da democracia racial brasileira seria parte relevante desse quadro em que cultura popular e ciência fundem-se num sistema de ideias que fornece um sentido amplo para práticas racistas já presentes na vida cotidiana. No fim das contas, ao contrário do que se poderia pensar, a educação pode aprofundar o racismo na sociedade (ALMEIDA, 2019, p. 45).

A presença da população negra é massiva, embora não lhe seja garantida nem ao menos a igualdade de direitos. Essa população estava à margem da sociedade brasileira, sem direito ao trabalho e a educação, sua sobrevivência só se dá por sua própria força, resistência e coragem, enfatizando o preconceito racial arraigado na sociedade brasileira (SCHWARCZ, 2015, p. 511-515). Nesse período está em curso o processo de embranquecimento da sociedade brasileira, a chegada de imigrantes europeus, o trabalhismo do Estado Novo que considerava “vadiagem”⁵ o que fugisse da vida produtiva do capitalismo que se instalava no país. Some-se a isso a ideia de civilização e modernização implantada por meio das ideias vindas da Europa (Evolucionismo e Positivismo) e a conseqüente negação dos saberes diferentes do padrão europeu, a demonização de suas crenças religiosas (intolerância e racismo religioso), a perseguição à suas práticas, costumes e manifestações culturais e artísticas (capoeira e samba, por exemplo).

O sábio Benedito da Silva

O conto é breve, mas rico de referências e reflexões. Nosso “Sócrates Africano” é o avô de Carolina de Jesus, seu nome é Benedito da Silva, um negro cabinda⁶ que fora escravizado e depois liberto, considerado um homem de notória sabedoria por seus amigos e pela comunidade que segundo a autora vinha ouvir seus conselhos.

³ Sócrates (c. 469-399 a.C.) nasceu em Atenas, a metrópole da cultura grega. Da sua infância pouco se sabe para além de sua origem pobre. Ele era filho de um escultor, Sofronisco, e uma parteira, Fenarete, da qual Sócrates pegaria a ideia do parto (maiêutica) para sua forma de fazer filosofia. Sobre Sócrates indicamos como referências: (GRIMALDI, 2006); (HUISMAN, 2006).

⁴ Ver ainda (MEIHY, 1994, p. 190-196).

⁵ Presente desde o Código Penal de 1890, a chamada “lei da vadiagem” era consolidada em 1942, em um contexto de forte militarismo, para punir com prisão quem não estivesse exercendo algum trabalho ou profissão.

⁶ Cabinda é uma das 18 províncias de Angola, localizada ao norte. O termo “cabinda” vem de Mafuca Binda, Binda era o nome do intendente de comércio que ocupava lugar central como funcionário público de confiança do rei.

O conto inicia narrando seu adoecimento e os últimos momentos de sua vida (1937), onde ele mesmo tece sua justificativa para o reconhecimento de uma vida bem vivida através de um exame de consciência e da reflexão. Em sua fala percebe-se ecos da figura do Griô⁷ africano que tem o conhecimento da vida, a habilidade narrativa e a autoridade ancestral e, por isso, é capaz de ensinar e indicar o caminho da vida, mesmo na condição de quem prepara-se para o encontro com a morte. Percebe-se uma interessante convergência entre a narrativa de Carolina e o discurso de Sócrates (séc. V a.C.) no diálogo *Fédon* sobre o “filosofar como aprender a morrer” (PLATÃO, 1983, p. 85)⁸.

– Se eles vêm me visitar, é porque gostam de mim. É que eu soube viver! Não fui mau elemento. Não prejudiquei o próximo. Ele estava fazendo um exame de consciência para ver se descobria algumas falhas para pedir perdão ao nosso Deus, se foi injusto. Já que o meu avô estava morrendo, ele era autoridade suprema naquela casa. Quando ele falava, nós ouviamos-o com todo respeito porque, quando ele falava, nós aprendíamos alguma coisa. Ele não falava banalidades. Ele dizia: é tão bom morrer. Mas eu não tenho permissão para vos relatar o que vejo para não lhes gerar confusões mentais (JESUS, 1976, p. 4).

Lembramos a frase final da *Apologia*, onde Sócrates se expressa em tom cauteloso e piedoso após seu julgamento: “Agora, porém, é hora de partirmos. Eu seguirei para a morte, vocês para a vida. Quem de nós se encaminha para melhor situação, é obscuro para todos, menos para o deus” (PLATÃO, 2009, p. 64). De modo semelhante, no *Fédon*, Sócrates está em seus momentos finais na iminência de tomar a cicuta (veneno que fora condenado a beber), mas ao invés de parecer abatido e deprimido, o filósofo ateniense demonstra plena segurança, convicto de seus princípios, abraçando a certeza de que a morte, longe de ser um mal é uma vantagem, pois nos liberta da prisão corporal, permitindo a ascensão da alma às formas. Benedito, como Sócrates, para quem “filosofar é um exercício para a morte” (*Fédon*, §81a), pode afirmar sem sofrimento: “é tão bom morrer”.

Infelizmente, o efeito do colonialismo, do racismo científico e do epistemicídio⁹, impedia o reconhecimento de um negro como mestre do saber, como um filósofo, principalmente na condição de ex-escravizado, e analfabeto. Apesar disso, salta aos olhos que na narrativa seja citada a possibilidade de um homem negro ser considerado como um “Sócrates Africano” por seus contemporâneos.

Os homens ricos iam visitá-los, e ficavam horas e horas ouvindo-o. E saíam dizendo: – foi uma pena não educar este homem. Se ele soubesse ler, ele seria o homem. Que preto inteligente. Se este homem soubesse ler poderia ser o nosso *Sócrates africano* (JESUS, 1976, p. 4).

“Se esse homem *soubesse ler* poderia ser nosso Sócrates africano” diziam os brancos... Carolina tece suas críticas ao descaso em relação a educação no Brasil, citando Rui Barbosa¹⁰ e

⁷ Griôs são os guardiões das tradições africanas. Os griôs são narradores de mitos e histórias, que transmitem as tradições de uma comunidade através de sua experiência e conhecimento dos vários aspectos da vida social e cultural.

⁸ No diálogo platônico *Fédon*, Sócrates está na prisão em sua última conversação com seus discípulos e desenvolve uma longa reflexão sobre a imortalidade da alma e sua tarefa como filósofo.

⁹ O conceito de Epistemicídio refere-se à negação, subalternização, ilegalização e destruição de saberes locais considerados inferiores no processo de colonização. A criação e uso do termo é atribuída ao sociólogo português Boaventura de Souza Santos nos livros *Pela mão de Alice* (1994) e *Epistemologias do Sul* (2009). No Brasil, o termo foi apropriado pela filósofa Sueli Carneiro em seu livro *A construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser* (2005), como conceito para pensar o racismo estrutural (Parte I, Capítulo 3 – Do Epistemicídio).

¹⁰ Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923) foi um polímata baiano, destacando-se como jurista e advogado. Participou do movimento abolicionista e republicano.

Oswaldo Cruz¹¹, conhecidos intelectuais de reconhecimento nacional, mas vozes impotentes diante das estruturas do poder, que por seu caráter excludente não admitiam a educação dos negros e ex-escravizados. Vale ressaltar que, como ministro do Marechal Deodoro da Fonseca (primeiro presidente do Brasil), Rui Barbosa mandou destruir parte importante dos registros documentais de propriedade de escravizados, evitando assim que os antigos proprietários fossem ressarcidos¹².

Mas o Rui Barbosa pôs uma lei no Senado pedindo para incluir os negros na escola porque vai ser difícil uma classe culta, e outra inculta, senão vai gerar confusões, choques ideológicos. O analfabeto vai ser apenas um. Não acertará as observações se for admitido como empregado. A sua cooperação e participação é mínima. Agora se ele for alfabetizado a sua cooperação será a máxima. O Rui Barbosa dizia: que era e é preciso educar e esclarecer os predominadores. Ele, sendo instruído, há de querer instruir os seus compatriotas. Um empregado bem instruído poderá substituir o patrão nos casos de emergências [...]. Antigamente o homem, para educar-se tinha que ir para Coimbra. Então educa-se uma minoria, quando, é o dever da pátria, educar a maioria (JESUS, 1976, p. 4).

Salta aos olhos a questão da educação no Brasil, que desde o período colonial era restrita aos filhos das elites, quando não havia ainda uma estrutura educacional que garantisse o acesso a maioria da população. Situação ainda mais difícil para os negros escravizados que não tinham esse direito assegurado pela sua condição de exclusão na sociedade (SCHWARCZ, 2015, p. 416). No período republicano a situação não é das melhores, pois permanece o abismo que separa a população branca e negra. As contradições da sociedade brasileira apresentam-se na sua cruzeta, onde se nega a educação à população negra. Carolina denuncia as contradições e o processo de exclusão em uma sociedade desigual e racista.

A minha mãe era a única que poderia herdar o ceptro intelectual do vovô. Mas a minha mãe não aprendeu a ler, enquanto português predominou no Brasil, o negro foi tolhido. As escolas não aceitavam os pretos. Mas o Rui Barbosa dizia que eles agindo assim implantariam o preconceito racial no Brasil, que um país com preconceito, é um país de raças medíocres. O Rui Barbosa dizia que deveriam conservar o negro na lavoura, que o Brasil deveria e deve ser apenas um país agrícola (JESUS, 1976, p. 4).

Dessa forma, a “sabedoria” e o conhecimento da elite dos homens civilizados do Brasil colonizado, sustentou-se às custas da exclusão da maioria de sua população, com a riqueza gerada pelo trabalho escravizado, que produziu e abasteceu de ouro, mercadorias e lucro, enquanto relegava à miséria o povo preto.

Nas origens da Filosofia: Os oráculos de Delfos e Ifá-Orumilá

Chegamos aqui ao cerne de nossa reflexão, quando Carolina se pergunta sobre o que queria dizer a alcunha “Sócrates Africano”? O que pretendiam dizer aqueles que denominavam seu avô com esse título? Seria um insulto, um xingamento?

O aparecimento da figura do famoso filósofo grego Sócrates como um desconhecido para nossa autora, surge para nós como uma perplexidade, ao mesmo tempo que intriga a cabeça de Carolina que se sente impelida a buscar entender essa definição.

¹¹ Oswaldo Gonçalves Cruz (1872-1917) foi um médico, bacteriologista, epidemiologista e sanitarista paulista.

¹² Sobre o episódio da queima dos documentos do período da escravidão, conferir (LACOMBE; SILVA; BARBOSA, 1988).

[...] eu pensava: O que será o Sócrates africano? Será que eles estão xingando o vovô? O vovô é bom, não faz mal a ninguém. Quando morre alguém, ele é quem reza o terço. Quando não chove, ele reza para chover. Ele diz que a reza é o modo dos homens conversar com Deus. Fui perguntar a minha mãe: – Mamãe! O que é Sócrates? Minha mãe estava nervosa, respondeu-me: – Vai amolar outro; vagabunda! Pensei: ela não quer me explicar, mas um dia hei de saber o que é Sócrates. Porque tudo o que eu presenciava e não compreendia eu guardava dentro da minha cabeça para esclarecer posteriormente. Compreendi que deveria armazenar as ocorrências na minha mente (JESUS, 1976, p. 4).

Sócrates aqui surge como o elemento mobilizador do pensamento de Carolina sobre o que representaria a alcunha dada a seu avô, o Sócrates Africano. Seria Sócrates um xingamento? Uma pessoa importante? Por que comparam seu avô com Sócrates? Ele que para ela era um homem bom, de caráter, que ensinava sobre a relação com o sagrado, ao citar seu papel na comunidade, onde reza o terço quando morre alguém e ao relatar sua explicação sobre a oração como conversa com Deus. A preocupação de Carolina é desvendar essa questão.

O que nos diz essa passagem, onde o grande modelo e referência da Filosofia soa como um estranho? O que pensar quando dois marcos centrais do pensamento ocidental, a Filosofia grega e seu maior representante, soam como nulidades na reflexão de uma voz periférica? Essas questões podem parecer estranhas, mas tem a possibilidade de nos fazer refletir a própria Filosofia a partir de sua exterioridade, de sua alteridade, a partir de um mundo marginalizado, uma vez que aqui não será o filósofo grego o ponto de chegada, mas apenas um ponto de partida. Aqueles que rotularam o avô de Carolina como um outro, o faziam como forma de distingui-lo pela inteligência e sabedoria, mas acabaram por levar a escritora a questionar tal referência.

Por fim, Carolina reconhece o que significa ser o “Sócrates Africano”, ao destacar a condição iletrada de seu avô.

Fiquei feliz em saber que o meu avô morreu iletrado. O seu nome Benedito José da Silva e tenho orgulho de acrescentar que ele foi o Sócrates analfabeto. Era impressionante a sapiência d’aquele homem. Eu tinha a impressão que o meu ilustre avô era semelhante a uma fita, unido a família como se fosse um bouquet de flores. Não havia desidência. Predominava a união. Enquanto o vovô esteve vivo, a sua casa parecia uma assembléia onde os predominadores discutiam as falhas do nosso povo. Se naquela época a nossa população era: a maioria analfabeta. E a minoria alfabetizada. Era um povo sem luz mental (JESUS, 1976, p. 5).

Seu Benedito é, segundo Carolina, o *Sócrates analfabeto* (JESUS, 1976, p. 5). Em vez de ser o sábio grego que “sabe que nada sabe”, é o sábio africano que em sua sabedoria não teve acesso aos rudimentos da cultura letrada, base da tradição filosófica ocidental, mas que mesmo assim não deixou de imprimir sua marca na vida de Carolina e de sua comunidade. Ele é um sábio analfabeto, que nada soube desta cultura dos filósofos, mas que era reconhecido justamente por sua sabedoria não letrada. O Sócrates grego, que nada escreveu, serviu de análogo ao Sócrates Africano que não sabia escrever.

Percebe-se aqui o confronto entre a concepção de mundo ocidental, que reforça os aspectos de distinção com base na condição social e econômica, e consequentemente no acesso às técnicas e saberes letrados na formação dos indivíduos, e uma outra compreensão de conhecimento como sapiência, uma sabedoria não acadêmica, fundada numa vivência ancestral e comunitária, um saber vivencial transmitido oralmente, aquilo que poderíamos chamar por meio dos conceitos de “oralitura” de Leda Martins, e “*escrivência*”, conceito criado por Conceição Evaristo em sua dissertação de mestrado em 1995.

Segundo Leda Martins em *Afrografias da memória: o reinado do Rosário no Jatobá* (2021, p. 25):

Aos atos de fala e de performance dos congadeiros denominei oralitura, matizando neste termo a singular inscrição do registro oral que, como littera, letra, grafa o sujeito no território narratário e enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda, no neologismo, seu valor de litura, rasura da linguagem, alteração significativa, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbólicas.

No livro *Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (2020), organizado por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes, a autora define o conceito como:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sobre o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita nos pertence também.

A ausência do saber letrado e do ingresso no mundo acadêmico não impediu aquele homem de alcançar o grau de sabedoria que se reconhece nos grandes pensadores. Sua sabedoria é, como nas comunidades ancestrais africanas e brasileiras, um legado de vida e experiência fundado na oralidade e na autoridade sapiencial, como entre os grãos africanos. Do Sócrates grego somos conduzidos ao Sócrates Africano.

Neste ponto, pretendemos estender nossa perspectiva de leitura de Carolina Maria de Jesus e fazer referência às origens da filosofia africana e, conseqüentemente, afro-brasileira, considerando a importante contribuição dada a esse debate pela filósofa nigeriana Sophie Oluwolé (1935-2018)¹³, que busca nas raízes da sabedoria africana uma referência para repensar a filosofia ocidental. Oluwolé foi a primeira mulher doutora em Filosofia na história da Nigéria, pesquisou a tradição oral africana do Ifá (comum aos povos Yorubá, Ibo e Eué). Em sua obra *Socrates and Orunmilá. Two patron saints of classical philosophy* (2017), a filósofa apresenta um estudo comparado que tem como perspectiva a filosofia em suas origens africanas com Orunmilá-Ifá (tradição Yorubá) e a figura do filósofo grego Sócrates, ambos não legaram obras escritas.

Sophie Oluwolé parte de três concepções de Orunmilá (OLUWOLE, 2017, p. 43-48): a) a primeira como mítica-religiosa (*mythical*), que remete ao entendimento de Orunmilá como um orixá yorubá responsável pelo oráculo de Ifá, deus da sabedoria e dos caminhos (Olorum Ogbon), b) a segunda como de ordem corporativo-institucional (*corporate*), ou como nos esclarece Renato Noguera “função sociocultural que funciona como signo da preservação simbólica do patrimônio intelectual” (NOGUERA, 2018, p. 32), e por fim, c) a terceira de caráter histórico (*historical*), na qual Orunmilá foi conhecido como um filósofo que viveu por volta de 500 a.C., casado com Iwa descrito como um grande pai que teve muitos seguidores, dos quais 16 foram mais próximos e receberam os ensinamentos de um sistema designado como Odú Ifá, embora Orunmilá nada tenha escrito.

¹³ Sophie Oluwolé era nigeriana, a oitava filha de um casal de comerciantes do povo Edo. Na escola, aos 8 anos de idade, foi batizada pelo diretor, que lhe deu o nome de Sofia. Mais tarde, mudou-o para Sophie. Mudou-se em 1951 para Ilê-Ifé, onde estudou na escola moderna das meninas anglicanas. Formou-se pela Faculdade de Treinamento para Mulheres em Ilexá, em 1954. Recebeu uma bolsa de estudos em Moscou, em 1963. Morou também na Alemanha e nos Estados Unidos antes de voltar para a Nigéria, em 1967. Estudou Filosofia na Universidade de Lagos. Fez o mestrado também na Unilag e o doutorado na Universidade de Ibadã. Foi a primeira mulher doutora em Filosofia na história da Nigéria. Pesquisou a tradição oral do ifá, comum aos povos Yorubá, Ibo e Eué. Para ela, o Ifá-Orunmilá é comparável a Sócrates, pai da filosofia ocidental, que também não deixou obras escritas.

Oluwole traça paralelos entre os dados biográficos de Sócrates e Orunmilá, alguns deles trazem similaridades interessantes, como por exemplo: Sócrates e Orunmilá são contemporâneos, nasceram por volta do séc. V a.C., os pais de ambos, Sofronisco e Oroko (Jakuta) eram escultores (*stone masons*). Sócrates teve 10 discípulos e Orunmilá 16, ambos defendiam a virtude como ideal da vida boa, Sócrates criticava aqueles que consideravam deter um saber absoluto, da mesma forma Orunmilá condenava outros orixás¹⁴ que diziam saber a origem e o fim de todas as coisas, Sócrates e Orunmilá nada escreveram, embora haja escritos que atribuem a estes determinados saberes e inspirações (como os *Diálogos* de Platão e os *Odús* do Ifá), Sócrates viveu no auge social e cultural de Atenas, assim como Orunmilá em Ilé Ifé, então uma região cujas condições materiais promoveu a ascensão de políticos, guerreiros e filósofos (OLUWOLE, 2017, p. 49-50).

Nosso ponto de partida, no entanto, será a relação entre suas filosofias e a sabedoria oracular, pois não apenas Ifá é compreendido como um oráculo, mas o próprio Sócrates atribui a origem de sua atitude filosófica uma origem oracular, no caso o conhecido Oráculo de Delfos¹⁵. Segundo GIEBEL (2013, p. 14-15), este era um oráculo de sorteio, cujo auge se deu entre 550 e 480 a.C., as consultas eram inicialmente anuais e depois mensais, precedida por um sacrifício ritual. A consulta se dava através de uma pergunta à sacerdotisa, Pítia, que retirava de uma bacia (trípode) pedrinhas ou ossos brancos e pretos que significavam uma afirmativa ou negativa. As perguntas eram formuladas como alternativas “devo fazer isto ou não?” Conferir oráculos era definido como ‘retirar ou apanhar’.

Segundo a tradição consignada na *Apologia de Sócrates* de Platão (Séc. V a.C), Sócrates teria se inspirado nas palavras do Oráculo de Delfos para seguir seu caminho investigativo em busca da sabedoria,

Sei que todos conheceram Querefonte, meu companheiro desde a juventude e, companheiro também da maior parte de vocês, pois junto com tantos outros foi exilado e, como vocês retornou a pátria. Todos sabem quem foi Querefonte e com que ardor lançava-se a tudo que empreendia. Certa vez ele foi a Delfos e teve atrevimento de perguntar ao oráculo - e agora volto a pedir ó homens que não se agitem com o que vou dizer – pois ele perguntou se havia alguém mais sábio que eu. A pítia respondeu que não havia ninguém mais sábio. Seu irmão pode testemunhar sobre tais fatos, já que Querefonte está morto (PLATÃO, 2009, p. 28).

A prática reflexiva escolhida por Sócrates se baseia numa interpretação da mensagem oracular do deus Apolo de Delfos. Se Sócrates afirmava nada saber, o oráculo enfatizava que este era o mais sábio entre os helenos. Conclui, então, o filósofo que, como o deus não pode mentir ou enganar, sua sabedoria consistia justamente em demonstrar a pretensão daqueles que se consideravam os mais sábios, desnudando-lhes assim sua própria ignorância (GIEBEL, 2013, p. 52). É pela interpretação (hermenêutica) do oráculo que Sócrates compreende a profundidade da mensagem do deus de Delfos. Assim, a sabedoria não consiste numa certeza ou na posse absoluta da verdade, mas no reconhecimento dos limites de nosso saber, o reconhecimento de nossa ignorância.

Como nos informa Nogueira sobre saber (conhecimento) e ignorância segundo Orunmilá, em contrapartida a Sócrates:

¹⁴ Orixás aqui é tomado no sentido de antepassados, não de divindades.

¹⁵ O oráculo de Delfos fica localizado no interior do templo elaborado por Trofônio e Agamedes, dedicado ao deus Apolo, este oráculo fez de Delfos uma cidade reverenciada por todo o mundo antigo como sendo o “*omphalos*” (em grego, umbigo), “o centro do cosmos”, ver (GIEBEL, 2013).

Conforme Orunmilá existem quatro tipos de relações com o conhecimento e a ignorância: 1º) Uma pessoa que sabe e sabe que sabe; 2º) Uma pessoa que sabe; mas, não sabe que sabe; 3º) Uma pessoa que não sabe e sabe que não sabe; 4º) Uma pessoa que não sabe; mas, acha que sabe. A filosofia estaria na terceira maneira de relacionamento. Por isso, o seu papel é dissipar, o máximo possível, a ignorância, mesmo que a recomendação de Orunmilá seja por reconhecer os limites do conhecimento e afirmar que entre as três formas de relação entre conhecimento e ignorância, apenas a terceira maneira é realmente filosófica (NOGUERA, 2018, p. 40).

A busca pelo conhecimento de si, outro tema socrático essencial em nossa reflexão, é o ponto de partida da verdadeira sabedoria, como está no próprio frontispício do templo do deus Apolo em Delfos, “conhece-te a ti mesmo”, frase atribuída a um dos Sete sábios, Quílon de Lacedemônia (GOMES, 1987, p. 96), que viveu no século VI a.C. Essa afirmação igualmente adotada pelo filósofo ateniense amplia ainda mais o conceito de sabedoria. A sabedoria passa pelo conhecimento de nós mesmos, ou seja, de nosso ser, das nossas capacidades e limitações, como nos esclarece Giebel (2013, p. 49): “Os sábios, cujo encontro com Delfos era relatado pela tradição, eram homens de sabedoria prática e experiência de vida”.

O Oráculo de Ifá, por sua vez, conta com uma das bases filosóficas da cultura africana e o filósofo Orunmilá pode ser pensado como ponto de partida deste pensamento ancestral, o qual como Sócrates também não deixou obras escritas. O Orixá Orunmilá-Ifá (isto é, a versão mítica de Orunmilá) é a Divindade Suprema conhecedora de todos os segredos e destinos da vida do ser humano, o Orixá da Sabedoria. Nele estão contidas todas as respostas do seu destino, seu culto estabelecido na cultura africana há mais de 10 mil anos. O Ifá é a divindade conselheira e detentora de toda sabedoria que nos ajuda a tomar decisões mais assertivas, para que possamos investir nos caminhos mais favoráveis.

Segundo a tradição Yorubá, naquele tempo quando não havia separação entre o Céu (Orum) e a Terra (Ayê), Orunmilá teve oito filhos, numa ocasião quando celebrava um ritual ele mandou chamar seus filhos, os sete primeiros lhe prestaram homenagem, mas o oitavo Olouó não o fez e o respondeu questionando, causando a fúria de Orunmilá que se retirou para o Orun e a desgraça abateu-se sobre a terra. Seus filhos ofereceram sacrifícios e cantos, que foram aceitos, mas a paz estava rompida. Orunmilá deixou a seus filhos dezesseis contas de dendê e instruiu-os a consultá-los “quando tiverem problemas e desejarem falar comigo, consultem este Ifá”. Orunmilá teve então 16 filhos (Odús) que indicam o caminho de cada um e o sacrifício apropriado para resolver cada problema, são eles: Ocanrã, Ejiocô, Ogundá, Irosun, Oxé, Obará, Odi, Ejiobê, Osá, Ofum, Ouorim, Ejilá-xeborá, Icacá, Oturopon, ofuncanrã e Iretê (PRANDI, 2001, p. 443-444).

O mito narra como Orunmilá instituiu o oráculo de Ifá, assim essa divindade nos responde através de um sistema divinatório chamado “merindilogum” ou “erindilogun”, popularizado com o nome de “Jogo de Búzios”. É um oráculo milenar¹⁶. O Jogo é praticado há mais de 6 mil anos regido por Orunmilá-Ifá (divindade suprema da sabedoria). De forma semelhante às origens da filosofia de Sócrates, a sabedoria africana de Orunmilá-Ifá tem sua origem no oráculo, que antes de ser um mero instrumento de consulta sobre o futuro, na verdade apresenta-se como uma ferramenta combinatória (NOGUERA, 2018, p. 34) englobando um conjunto de princípios ético-morais que estabelecem as possibilidades e padrões (Odús) de uma “cartografia dos caminhos”¹⁷. Assim, a figura de Orunmilá pode ser considerada como o “Sócrates africano”.

¹⁶ O Ifá é reconhecido desde 2008 pela Unesco como patrimônio imaterial da humanidade, inscrito na lista representativa. (Cf. Unesco, 2023). Acesso em: <https://ich.unesco.org/en/RL/ifa-divination-system-00146>

¹⁷ Segundo Noguera (2018, p. 34ss), a combinação do Ori, dos elementos e dos búzios, temos 1680 tipos de sujeitos articuladas com mais 256 possibilidades a partir da cartografia dos caminhos (os Odus), o que perfaz 430.080 maneiras de viver.

Para melhor entender essa relação entre a sabedoria oracular de Ifá e sua interpretação, vejamos como se dá sua concepção,

O sistema oracular Ifá se fundamenta em um conjunto de textos e fórmulas baseadas em signos-sinais. É mais praticado pelos Yorubá e comunidades afrodescendentes nas Américas e no Caribe, mas há sacerdotes por todo mundo. Em contraste com outras formas oraculares, Ifá não depende de uma pessoa que tem poderes misteriosos ou proféticos para sua interpretação. É um sistema de signo-sinais que são interpretados por um sacerdote, o Babáláwò de Ifá, literalmente “o pai da sabedoria” (ADERONMU, 2015, p. 76).

Como vemos, o Ifá é um sistema de 16 signo-sinais que demanda uma exegese e hermenêutica próprias destes signos a cargo de um sacerdote, Babáláwò de Ifá, que indica a partir da consulta ao oráculo qual o caminho a seguir. O Ifá se fundamenta num conjunto de 256 versos, chamados *Odús*. Esse sistema não é fixo e evolui segundo as condições históricas de cada grupo e da humanidade. A interpretação dos *Odús* varia e se adapta as circunstâncias de cada comunidade, segundo os sacerdotes há mais de 800 interpretações possíveis destes. Os *Odús* são signos-sinais que são entendidos como “apóstolos” de Olódumarè, no sentido de carregarem a sua vontade (ADERONMU, 2015, p. 77).

Os *Odús* são entendidos como o caminho metodológico que se aplica na aprendizagem segundo um modelo de conhecimento afro referenciado o qual não separa vida e saber, vivência e experiência, compreendendo o indivíduo no interior da teia social em que ele se encontra. A criação da Lei 10.630/03 tem possibilitado e fomentado a pesquisa, o ensino e a aplicação de saberes ancestrais africanos, ampliando assim a gama de perspectivas didáticas e filosóficas africanas, como é o caso das tradições de Ifá, partindo dessa abordagem o método baseado nos *Odús* pode ser implementado na filosofia da ancestralidade de Eduardo Oliveira (UFBA)¹⁸ para o ensino de “História e Cultura Africana e Afro-brasileira”, desenvolvida para o componente curricular de mesmo nome ofertado no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), vale ressaltar que tal uso acadêmico de Ifá não é mera “aplicação” profissional ou científica deste, mas é permeada por uma vivência profunda de Eduardo Oliveira com o oráculo.

Para ampliar nossa perspectiva em relação as potencialidades do oráculo de Ifá e dos *Odús* como caminho sapiencial da educação, podemos fazer referência ao profundo estudo conduzido pela Profa Adilbênia Machado (UFRRJ)¹⁹ no livro *Filosofia Africana: Ancestralidade e Encantamento como inspirações formativas para o ensino de africanidades* (2019), no qual a relação da educação com o método dos *Odus* é aprofundada e evidenciada em suas diversas possibilidades, tais como os seguintes *Odús*: “1 – Odu de Origem 2 – Odu de Transição 3 – Odu de Desconstrução 4 – Odu de Transformação 5 – Odu de Beleza (Estética / Encantamento) 6 – Odu de Natureza 7 – Odu de Espaço 8 – Odu de Tempo” (MACHADO, 2019, p. 179). Nessa abordagem vemos como o caminho educativo africano e afro-brasileiro se entrelaçam e tornam possíveis novas maneiras de ser e conviver em um mundo cada vez mais complexo e escravizado por formas tecnológicas que nos colocam diante de um impasse, a hiperconexão e a desumanização do sentido da existência.

O entendimento dessa hermenêutica ancestral, que aponta os caminhos a seguir através de um elaborado sistema dos *Odús* (signos), nos revela a complexidade da visão de mundo

¹⁸ Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Permanente do Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC), em Salvador. E-mail: afrovida@gmail.com.

¹⁹ Licenciada e Mestre em Filosofia (UECE). Doutora em Educação pela UFC e Professora Adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)/Instituto Multidisciplinar/Departamento Educação e Sociedade.

Yorubá, articulando as diversas perspectivas e tendências possíveis na condução de nossas vidas. Assim como Sócrates, diante da consulta do oráculo de Delfos feita por seu amigo Querefonte, se pergunta sobre o que poderiam significar as palavras da Pítia e qual a condução deveria dar as suas ações, da mesma forma os povos Yorubá, ao refletirem sobre os Odús de Ifá se questionavam sobre as possibilidades infinitas de entendimento de nosso lugar no mundo, assumindo assim uma atitude de humildade diante do mistério da existência e de atenção as dimensões de nossas escolhas.

Consideramos que essa reflexão que partiu da abordagem da obra de Carolina Maria de Jesus sobre a sabedoria do Sócrates Africano possibilitará ampliarmos nossa visão sobre a riqueza do diálogo intercultural, revelando assim pontos em comum e diferenças essenciais, que nos esclarecem sobre o entendimento das filosofias não ocidentais e sua sabedoria, muitas vezes rejeitadas, marginalizadas e menosprezadas. O olhar atento e abertura ao diálogo com essas tradições nos garantirá um melhor entendimento de nossos limites como civilização, corrigindo tantos erros cometidos no processo colonial (na modernidade) e transformará o estado da própria Filosofia.

Considerações finais

O olhar colonizado na Filosofia reduz a capacidade de reconhecer a autonomia e a diferença do pensamento não-ocidental (não-europeu ou anglo-saxão) em suas matrizes fundantes, ficando assim viciado por uma comparação diminuidora ou negadora da alteridade, sempre pensando as concepções filosóficas diferentes a partir da referência ou modelo civilizatório ocidental, o único por elas (re)conhecido, bem como aos seus esquemas de pensamento e estilos de escrita.

Para melhor compreendermos o legado e a potência filosófica da obra de Carolina Maria de Jesus, devemos entendê-la no contexto de sua vinculação com a ancestralidade afro-brasileira, bem como ampliar o alcance da reflexão levantada por ela em sua obra literária no confronto entre a figura de Sócrates com o “Sócrates Africano”, seu avô Benedito da Silva, partindo de sua vivência concreta com a sabedoria deste último, um homem preto e analfabeto, privado do acesso à cultura letrada e à margem da sociedade brasileira. Essa leitura exige de nós um desprendimento e uma descentralização do olhar filosófico que permanece cativo de uma visão europeia e ocidental que supervaloriza a cultura letrada e o saber acadêmico em detrimento da cultura ancestral das massas populares.

Em nosso ensaio sobre a relação entre o Sócrates grego e o “Sócrates africano”, buscamos ampliar essa perspectiva dialogando com a abordagem da filósofa nigeriana Sophie Oluwole, ao estabelecer uma analogia entre as origens da Filosofia na Grécia com Sócrates e em África com Orunmilá, destacando o aspecto comum oracular e hermenêutico que perpassam ambas as tradições. Dessa forma, fomos capazes de enxergar através da referência do texto de Carolina outros possíveis encontros entre Grécia e África, revelando uma nova faceta deste diálogo. Esperamos ter contribuído para o interesse na leitura da obra de Carolina Maria de Jesus e ao mesmo tempo articulando sua potencialidade no campo filosófico.

Referências

ABIMBOLA, W. A concepção iorubá da personalidade humana. *Centre National de la Recherche Scientifique*, Paris, n. 544, 1981.

- ADERONMU, A. *Ifá: Filosofia e ciência de vida*. São Paulo: Edição do Autor, 2015.
- ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- CARNEIRO, S. *Dispositivo da racialidade: A construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. *Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- FAYEMI, A. K. Socrates and Ọrúnmilà in Conversation. *Phronimon*, Pretoria, v. 22, p. 1-24, 2021.
- GOMES, P. *Filosofia grega pré-socrática*. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.
- GIEBEL, M. *O Oráculo de Delfos*. Tradução de Evaristo Pereira Goulart. São Paulo: Odysseus, 2013.
- GRIMALDI, P. *Sócrates feiticeiro*. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2006.
- HUISMAN, D. *Sócrates*. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2006.
- JESUS, C. M. *Quarto de Despejo, diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.
- JESUS, C. M. O Sócrates Africano. *Revista Escrita*, Recife, ano I, n. 11, 1976.
- LACOMBE, A. J.; SILVA, E.; BARBOSA, F. de A. *Rui Barbosa e a queima dos arquivos*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1988.
- MACHADO, A. F. *Filosofia Africana*. Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades. Fortaleza: Impreco, 2019.
- MACHADO, A. F. Odus: Filosofia Africana para uma metodologia afrorreferenciada. *Revista Internacional de Filosofia Voluntas*, Santa Maria, v. 10, p. 3-25, 2019.
- MAIA NETO, J. R. Machado de Assis, um cético brasileiro: resposta a Paulo Margutti e a Gustavo Bernardo. *Sképsis*, Salvador, v. 1, n. 2, p. 212-226, 2007.
- MARGUTTI, P. *História da filosofia do Brasil (1500 –hoje)*. 1ª parte: o período colonial (1500 –1822). São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- MARTINS, A. L. *Machado de Assis: o filósofo brasileiro*. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.
- MARTINS, L. *Afrografias da memória: o reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza, 2021.
- MEIHY, J. C. *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- NOGUERA, R. A questão do autoconhecimento na filosofia de Ọrunmilá. *Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da UESB*, Jequié, v. 3, n. 6, p. 29-42, jul./dez. 2018.
- SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- OLUWOLE, S. *Socrates and Orunmilá*. Two patron saints of classical philosophy. Lagos: Ark Publishers, 2017.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução de Sueli Maria de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2009.

PLATÃO. *Fédon*. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa, São Paulo: Abril, 1983. (Coleção Os Pensadores).

PRANDI, R. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOARES, D. B. Os literatos-filósofos e a expressão filosófica brasileira. *Logos & Culturas: Revista Acadêmica Multidisciplinar de Iniciação Científica*, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 93-107, 2021.

SOARES, D. B. A literatura como marca da expressão filosófica brasileira: o caso de Machado de Assis. *Perspectivas: Revista do programa de pós-graduação em filosofia da UFT, Tocantins*, v. 6, n. 2, p. 443-457, 2021.

SOARES, D. B. MAIA NETO, J. R. O ceticismo na obra de Machado de Assis. (Resenha). *Argumentos Revista de Filosofia*, Fortaleza, ano 13, n. 25, p. 349-352, jan./jul. 2021.

Sobre o autor:

Francisco José da Silva

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente é Coordenador da Licenciatura em Filosofia, Pesquisador e Professor Adjunto do curso de Filosofia do Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Arte (IISCA) da Universidade Federal do Cariri (UFCA), coordenador de subprojeto Pibid Filosofia (2020). Tem experiência em gestão, tendo sido Coordenador do curso de Filosofia UFCA (2013-2014), Coordenador do Núcleo de Línguas e Culturas Estrangeiras (2014-2015) e da Coordenadoria de Diversidade Cultural da Procult (2015-2016). Membro do Conselho editorial da Revista Araripe de Filosofia (UFCA). Membro da Comissão de Ética da UFCA. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Alemã, atuando principalmente nos seguintes temas: Idealismo Alemão (Hegel), Dialética e Hermenêutica (Schleiermacher), Filosofia da Religião e Filosofia Intercultural (Raul Fornet-Betancourt). Também tem interesse no pensamento filosófico brasileiro (Farias Brito). Membro da Sociedade Hegel Brasileira (SHB) e da Associação Latinoamericana de Filosofia Intercultural (ALAFI).

Recebido em: 21/07/2023
Aprovado em: 24/08/2023

Received in: 21/07/2023
Approved in: 24/08/2023